



Epistemologia do Diálogo Social

Cremilda Medina

C

om trabalhos desde 1986, o grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social dedica-se à reflexão e à prática da dialogia nas sociedades democráticas contemporâneas. Principalmente, em relação ao papel do mediador-autor, aquele que colhe e articula os sentidos coletivos, que se reporta aos acontecimentos do presente. Ao acompanhar as capacidades éticas, técnicas e estéticas dos mediadores-autores (comunicadores sociais, cientistas e educadores), as pesquisas, há cinco décadas, com uma perspectiva inter e transdisciplinar, atravessam a profissionalização e os rumos do Jornalismo, os desafios paradigmáticos da relação ciência e sociedade, e a prática das *Narrativas da Contemporaneidade*.

Com quatro décadas de implantação, a pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, pioneira na América Latina, ao receber mestrandos e doutorandos de várias áreas de conhecimento, desenvolve a oportunidade de confluências metodológicas perante os diversos desafios das pesquisas. Na área estritamente acadêmica, em mais de três décadas de atividades, o programa de Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM) da USP, persegue, da mesma maneira que o

PPGCOM ECA/USP, as trilhas mais rigorosas e inovadoras da pesquisa. Nos diversos cursos de pós-graduação em que esta pesquisa integra os dois programas, a discussão epistemológica aflora, seja nas unidades de conteúdo, seja nas dinâmicas de grupo, e nas demandas dos estudantes.

As linhas de pesquisa cruzam tradição e impasses contemporâneos que atravessam a ciência e a metodologia na construção do conhecimento. Os pesquisadores da graduação e da pós (discentes e docentes) convivem no cotidiano da pesquisa, com seminários, leituras e intercâmbios inter, multi e transdisciplinares.

Linhas de pesquisa:

1. Signo da Relação e Diálogo Social

Nesta linha, debate-se como a autoria se sobressai à divulgação de conteúdo. Em outras palavras, como a autoria relacional e articuladora de conteúdos plurais (polissemia) e da regência de vozes conflitivas (polifonia) transforma e efetiva a comunicação. As pesquisas aqui articuladas são demarcadas pelo estudo da permeabilidade ao outro e outras inovações necessárias à construção de sentidos no ato da interação social.

2. Saber Plural e a Crise de Paradigmas

Fruto de seminários, encontros e ensaios multidisciplinares, a linha centra-se em torno de transformações necessárias à mente aberta, complexa, sensibilizada pelos cinco sentidos, capaz de viajar na interação criativa da experiência social: a relação sujeito-sujeito, a intercausalidade, a pluralidade complexa de ideias, a contextualização cultural, a compreensão de processos, a dinâmica das incertezas e a busca das verdades em conflito, são noções trabalhadas pelos pesquisadores.

Objetivos

O objetivo principal do grupo Epistemologia do Diálogo Social é o de desenvolver estudos acadêmicos que envolvam desbravar os seguintes quadros:

- a) Consciência histórica – a trajetória dos discursos científicos nas so-

iedades humanas, seu papel, contradições e impasses, estruturas de poder e decisões, o tempo histórico e a crise de paradigmas na historiografia oferecem aos pesquisadores interrogantes oportunas (LE GOFF, 1984; DOSSE, 2013). Uma das mais inquietantes questões: caminhamos na evolução e no progresso da Ciência?

- b) Ciência e cultura – o lugar a partir do qual se constrói conhecimento científico, as escolhas e as identidades, a emergência científica nas sociedades desiguais. Nesse âmbito, a epistemologia avalia as consequências sociais do projeto de pesquisa, o dimensiona perante a ação transformadora da universidade.
- c) Estudos e aprofundamentos dos saberes plurais – por meio de uma racionalidade complexa capaz de lidar com a coleta e análise dos dados, o pesquisador se vale de metodologias tão consistentes quanto inventivas.
- d) Experimentação no processo de construção do trabalho científico e das *narrativas da contemporaneidade* – descobrem-se momentos de intuição criativa capazes de dar marcas de autoria cultural e individual à pesquisa e/ou ao exercício profissional.

Justificativa

Liderado pela jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, professora sênior do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP, que atua na formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM), ambos na Universidade de São Paulo (USP), o grupo tem como perspectiva de trabalho a comunicação e a dialogia social e é alimentado pelas teorias culturais. Esse horizonte de pesquisa deriva da tese de doutorado *Modo de Ser, Mo'Dizer* (1986) e da tese de livre-docência *Povo e Personagem* (1989) e conta com os intercâmbios e registros de algumas experiências de ensino, pesquisa e extensão, como:

- a) Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar (1990), atividade que reuniu dez cientistas das diferentes áreas acadêmicas e cuja mediação jornalística se tornou indispensável para o diálogo e apresentação dos te-

mas que então angustiavam a todos na epistemologia e nas metodologias científicas;

- b) O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas, projeto integrado de pesquisa credenciado junto ao CNPq ao longo dos anos 1990, que teve uma circulação nacional, bem como internacional (Argentina e Portugal), cuja expressão se discute ao longo da série *Novo Pacto da Ciência*, onze volumes que acumulam anais de seminários, artigos científicos, diálogos interdisciplinares e outras *narrativas da contemporaneidade*;
- c) Fórum Permanente Interdisciplinar da ECA e a série de livros-reportagens *São Paulo de Perfil*, projeto cultural integrado aos programas curriculares da graduação e com as linhas de trabalho dos orientandos da pós-graduação, cujo foco é a produção de reportagens e ensaios sobre São Paulo;
- d) Laboratório de experimentação realizado ao assumir a Coordenadoria de Comunicação Social (1999-2006), onde se propôs uma política abrangente para a Universidade de São Paulo com o título *Signo da Relação*. Em sete anos de prática cotidiana, a pesquisa originada no Núcleo de Epistemologia de Jornalismo da ECA deu uma nova dimensão à linguagem dialógica e à metodologia no campo das mediações entre ciência e sociedade. A experiência levada a efeito reverteu a concepção do *signo da divulgação* para o *signo da relação*.

O grupo de pesquisa, portanto, articula-se, com os orientados e pesquisadores vinculados, a partir dessas experiências e saberes. Os pesquisadores (docentes e alunos de pós-graduação) convivem no cotidiano da pesquisa, dos grupos de discussão, leituras e intercâmbios inter, multi e transdisciplinares. As séries *Novo Pacto da Ciência* (11 volumes) e *São Paulo de Perfil* (27 volumes), além de outros volumes organizados pela pesquisadora, bem como livros de outros autores formam uma massa crítica que espelha quase 40 anos de história.

Do ponto de vista pragmático, há sempre motivações imediatas circunscritas às dissertações de mestrado e às teses de doutorado. Todavia, a pesquisa tecida pelo grupo compõe reflexões no campo comunicativo da dialogia social,

construções teóricas, abordagens criativas e empíricas, experiências metodológicas e propostas para a pedagogia da comunicação e do jornalismo. O grupo de pesquisa é definido pela inquietação diante das demandas histórico-sociais. Na pauta de estudos está a construção teórica do jornalismo e da comunicação, por meio do exercício da narrativa dialógica, aquela que persegue todas as composições circulares que se possam desenvolver com os atores sociais, saberes plurais e comunicadores. No campo central de atuação, considera-se o repórter como autor na rede natural e virtual das mediações sociais nos conflitos da cidadania contemporânea (MEDINA, 2014). Acrescente-se que tanto o comunicador social quanto o educador realizam potencialmente o *Signo da Relação* (MEDINA, 2006) no *Ato Presencial* (MEDINA, 2016).

O grupo de pesquisa articula-se com o projeto de pesquisa da professora Cremilda Medina, que foi apresentado à coordenação da pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP, com projeção para 2021. A pesquisadora, em conjunto com seus alunos e orientandos, busca ampliar o laboratório epistemológico das mediações autorais em torno de transformações paradigmáticas provenientes das seguintes noções: a relação sujeito-sujeito, a intercausalidade, a pluralidade complexa de ideias, o contexto cultural latino-americano, a compreensão de processos como a dinâmica das incertezas e a busca das verdades em conflito. Projeta-se ainda o estudo metodológico da articulação pesquisa empírica / pesquisa teórica. Também serão produzidas investigações em torno do laboratório de Narrativas (estudo da pluralidade de narradores e outras inovações teóricas necessárias à construção de um cosmo de sentidos teóricos-empíricos), e da Pedagogia do Diálogo (inspiração para a relação educador-educando).

Nos próximos anos, se engenho, arte e a vida permitir, pretende-se levar para a futura atividade acadêmica aqueles objetivos e a metodologia que constituem a experiência de mais de cinco décadas como educadora e como jornalista, a saber:

- a) Epistemologia do Diálogo Social – coleta inter e transdisciplinar das novas noções que regem uma transformação paradigmática. Têm sido destacadas pelos alunos e orientandos, nos intercâmbios nacionais e in-

ternacionais, as seguintes noções: a relação sujeito-sujeito no lugar de sujeito-objeto, a intercausalidade de forças que atuam na circunstância humana no lugar do paradigma de causa e efeito, a pluralidade complexa de ideias no lugar da monologia, a contextualização cultural no lugar da afirmação dos critérios de certo e errado, a compreensão de processos no lugar das explicações estáticas, a dinâmica das incertezas no lugar das certezas ideológicas, e a busca das verdades em conflito no lugar das verdades absolutas.

- b) Pesquisa empírica, pesquisa teórica – como metodologia desenvolvida por grupos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, enfatiza-se a experiência de observação do campo para delimitar o recorte empírico e formular interrogantes a serem trabalhadas paralelamente no espaço social e no domínio inter e transdisciplinar da bibliografia confluyente com o projeto acadêmico. O diálogo entre teoria acumulada e pesquisa de determinado tema vivo dá ao pesquisador a dimensão da epistemologia pragmática, ou seja, o que seu trabalho acarreta em consequências inovadoras.
- c) Laboratório de narrativas – o caráter laboratorial desenvolvido na epistemologia se projeta também na escrita (*lato sensu*, em qualquer codificação) do trabalho científico. Aí se aplicam as narrativas – da tradicional à ensaística, bem como o estudo e desenvolvimento da pluralidade de narradores e outras inovações necessárias à construção de um cosmo de sentidos teórico-empíricos. Essa experimentação autoral é gradual em um semestre (ou qualquer outra modulação de tempo), em que se faz um acompanhamento semanal dos textos produzidos individualmente, e se discutem os resultados no grupo de alunos ou orientandos.
- d) Pedagogia do Diálogo – se, por um lado, a dialogia social rege este projeto de pesquisa, a prática pedagógica procura seguir os mesmos passos, ou seja, o *signo da relação* nas *narrativas da contemporaneidade*, é irmão gêmeo do *signo da relação* entre educador e educando em qualquer nível de escolaridade. Assim, como grande parte dos alunos de pós-graduação, sobretudo os doutorandos, são professores universitários, ou se encaminham para exercer essa responsabilidade, a pedagogia

deste plano de trabalho pode lhes servir de inspiração. Aliás, isso tem acontecido, segundo testemunhos registrados no livro *Ato presencial, mistério e transformação* (MEDINA, 2016).

Trilhas desafiadoras da futura pesquisa

Na perspectiva cultural convém debater, no século XXI, a herança epistemológica, os grandes influxos das correntes de pensamento e das práticas científicas, indo ao encontro das inquietudes contemporâneas e projetando certas expectativas de futuro. Laboratório de reflexão e de criatividade, tanto na construção teórica, quanto na abordagem empírica e nas consequências sociais da pesquisa, impõe-se a pedagogia oficinal, de intenso intercâmbio metodológico ou plurimetodologia como defende Boaventura Sousa Santos (1989). Aí está outra ênfase na dialogia, desta vez no âmbito da ciência. Se as ciências da comunicação não promoverem a necessária troca de inquietudes epistemológicas, não farão jus ao *signo da relação*, fundamental no aperfeiçoamento tanto individual, quanto grupal em qualquer instituição acadêmica que se preocupe com a geração de novas respostas às demandas histórico-sociais (MEDINA, 2008).

A construção teórica no jornalismo e na comunicação oferece uma oportunidade ímpar para o exercício da narrativa dialógica, ou melhor, que persiga todas as composições interativas que possam ser desenvolvidas com os atores sociais e os saberes plurais. Some-se ainda o acesso à leitura cultural pela fruição das manifestações artísticas. O entrecruzamento de visões de mundo e metodologias da ciência e da comunicação social rende uma pauta de estudos na construção e desconstrução dos paradigmas dogmatizados, pois o *signo da relação* mexe profundamente tanto com as ciências humanas, quanto com as biológicas, naturais ou da natureza, exatas, tecnológicas, ambientais e quantas mais divisões se fizer.

No campo central de atuação, considera-se o repórter como autor das narrativas dos conflitos que caracterizam a cidadania e os dela excluídos, e as demais esferas a ela afetas, como a própria ciência. Para isso, o comunicador conta com variadas estratégias, quer na rede natural do *Ato Presencial* (MEDINA, 2016), quer na mídia convencional, quer nas infovias virtuais.

Raízes histórico-culturais de 55 anos

Nas etapas dessa trajetória, resumem-se aqui diferentes momentos da dialogia, eixo central de investigação fixado em 19 livros de autoria da pesquisadora e mais de 50 coletâneas por ela organizadas. Em síntese, apontam-se os seguintes desafios epistemológicos:

- a) responsabilidade social nas mediações do jornalista;
- b) pesquisa da narrativa cúmplice com a polifonia;
- c) visão de mundo e atitude abertas à complexidade racional, à sensibilidade intuitiva e à estética inovadora;
- d) intercâmbio interdisciplinar com outras áreas de conhecimento no contexto de paradigmas em crise;
- e) construção de novas noções para operar o diálogo social.

De oficinas pedagógicas nas universidades brasileiras e do exterior, resulta a defesa do autor da assinatura coletiva, presente nas *narrativas da contemporaneidade* (da comunicação social) e da autoria inter e transdisciplinar dos textos de pesquisa acadêmicas sob sua orientação ou como objetivo das disciplinas ministradas pela pesquisadora: trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorados, ensaística de pós-doutorado.

Em um dos livros (*A arte de tecer o presente*, 2003) assinala-se que, a narrativa expressa a necessidade de reagir ao caos da história, criando um cosmo simbólico. O que mobiliza a produção cultural, ou seja, a autoria da narrativa organiza e atribui significados ao acontecer cotidiano ou aos fatos extraordinários. Ideias, comportamentos, ação coletiva compõem a cena simbólica da narrativa. Além disso, quando o autor age com inteligência plena – razão complexa, sensibilidade intuitiva e estética inovadora – cria um ou vários narradores para darem conta da pluralidade de protagonistas da circunstância humana.

Memória de infância – intervalo confessional

A sedução pela narrativa e pelo narrador desperta na infância. No meu caso, havia dois contadores de histórias, um na ancestralidade literária, outro na experiência oral direta. O da ancestralidade vinha da ascendência de meu pai, José Pereira de Araújo, sobrinho neto do escritor português Alexandre Herculano (1810-1877). Falava-se dele na casa do avô paterno, em Portugal, quando criança. Mas só vim a desbravar os romances de Herculano na adolescência, já radicada em Porto Alegre (RS). Em "Eurico, o presbítero" (1844), naveguei nos parágrafos revoltos da narrativa romântica. O esforço, no ginásio brasileiro, para acompanhar a literatura do século XIX era embalado pelo estranho sentimento de que esse escritor vinha me falar numa locução difícil, mas ao mesmo tempo encantava porque pertencia à linhagem familiar. Os primeiros anos da adolescência foram marcados pela leitura das cartas do avô Armando Pereira Araújo que cultivou a escritura e me brindou – mistério para a menina de 11, 12 anos – com a arte epistolar. Em comunicação à distância (estávamos muito longe da Internet), vinham e iam as cartas de Portugal para o Brasil, de Porto Alegre para o Porto, ou melhor, Vila Nova de Gaia, do outro lado do Douro. Eram cartas de princípios norteadores que incluíam a moral e a literatura, estimulavam um diálogo que, apesar de desigual na lonjura geográfica e etária, mantinham um respeito mútuo asgrado. A sedução presente no meu cotidiano, porém, vinha do avô materno, pois não só morava em sua casa até os dez anos em Portugal, como ele mudou para a casa dos meus pais, no Brasil, tão logo a família instalou-se em Porto Alegre, em 1953. Ganhei eu um tesouro narrativo. vô Manuel encenava narradores agachado: magrinho, flexível, pulava e mudava de posição no palco que improvisava para dar dicção e gestos aos personagens da história que contava. Já conhecia esse talento de meus verdes anos em Vila Nova de Gaia e o deslumbramento perante a oratura depois dramatizada em terras gaúchas persistiu toda a adolescência até sua morte no final dos anos 1950. Havia nessa criativa autoria um movimento dialógico inspirador: Manuel sabia como ninguém interagir com qualquer personagem imaginário ou visitante que chegasse a casa ou no encontro com pessoas na rua. A força narrativa se expressava no corpo inteiro. Não que a palavra não fosse importante, mas ele ia além do código linguístico. Pessoa simples, de profissão urbana não nobre, pintor de automóveis, sua oratura se alimentava também de escrituras artísticas com um deleite que era visível no brilho dos olhos azuis. Pois bem, a inventiva do avô mantinha um diálogo constante com diferentes expressões da arte. Companheiro constante da moleca, vô Manuel me levava ao cinema, ao teatro, aos concertos da sinfônica gaúcha. Percebo hoje o casamento perfeito entre a oratura e a literatura. O avô paterno morreu antes do avô materno, mas, penso hoje, os dois me legaram uma herança bendita: o casamento indissolúvel da oratura com a literatura. Muito mais tarde, descobriria o valor da oralidade entendida como oratura, quando trabalhei na África, nos anos 1980, e me defrontei com comunidades ágrafas que não se registram na literatura, mas criam na oratura; por outro lado também encontrei na literatura a profunda inspiração na oralidade identitária de um povo, o que passei a nomear "gesto da arte".

Cena viva da ação social

Lugar comum muito apregoadado, efetivamente o gesto da arte é a antena profunda de um povo. Há de se sublinhar que a sintonia entre repórter e artista na teoria e prática do diálogo social desperta a sensibilidade cúmplice do primeiro quando exposto à fruição do segundo. Daí propor, em paralelo ao contato direto da reportagem, a inspiração por meio do convívio com obras de arte.

No lugar da inspiração literária somente no ato de redação, a conexão constante com os artistas sensibiliza o trânsito do repórter na sociedade, favorece sobremaneira o *signo da relação*. Todo jornalismo é literário, já que se vale da escrita (não importam os códigos que mobilize), mas nem toda a reportagem vibra na "comunhão poética" (1984, p.9), para lembrar Octávio Paz (1914-1998) quando se refere à poesia. Seria como um preparo atlético para sair à rua, ou seja, ler paralelamente testemunhos dos artistas sobre seu povo e seu tempo (MEDINA, 1996). Mas antes de tudo, a fruição necessária do gesto da arte desperta o encantamento e a curiosidade para criar a narrativa da ação social. Nesse sentido foi um privilégio a pesquisadora ser "contaminada" por disciplinas universitárias na graduação em Letras e Jornalismo (1960), em que sensíveis e consistentes mestres motivavam os alunos de graduação para fruir literatura brasileira contemporânea no que acabou por favorecer a leitura cultural de Brasil. Entre outros, João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Fernando Sabino (1923-2004), Ricardo Ramos (1929-1992) estavam lançando seus livros nessa época.

Aí se situa a ênfase da cena viva da narrativa que viria a propor pedagogicamente no segundo e terceiro graus. Os eixos centrais: narradores dialógicos e ação dramática. Interrogante que se impôs no aperfeiçoamento e estudos de vida inteira: afinal, as sociedades democráticas não precisam de mediadores autorais inspirados para promover o diálogo social? Talvez seja esse o desafio que explica a decisão de assumir a comunicação como profissão e o compromisso como educadora, nos dois cursos de graduação, Jornalismo e Letras Clássicas, em que ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1961). A mudança para São Paulo no início dos anos 1970, trouxe inúmeros frutos. Um deles, o privilégio de desenvolver a pesquisa da linguagem dialógica e os laboratórios de *Narrativas da Contemporaneidade*, na confluência da pesquisa acadêmica com a

prática comunicacional, uma *Atravessagem* documentada em livro (MEDINA, 2014).

Duas experiências decisivas desenvolvem-se graças à cultura de pesquisa que caracteriza a Universidade de São Paulo desde sua fundação em 1934. Na primeira fase (1971-1975), quando a pesquisadora deixa a docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e assume a disciplina de Jornalismo Interpretativo na Escola de Comunicações e Artes da USP, firmam-se os alicerces da reportagem-ensaio, o que viria a receber acréscimos coletivos na pesquisa em graduação e pós-graduação na ECA, e em outras universidades no Brasil e América Hispânica por onde passa a circular. A ruptura política que provocou a saída da USP, em 1975, ganharia um laço de continuidade dez anos depois ao retornar à docência, pesquisa e extensão. Com o doutorado em 1986, a segunda fase terá considerável ampliação na pós-graduação. A rigor nunca ocorreram fronteiras entre graduação e pós para o laboratório de dialogia. No curso de Jornalismo, de 1986 a meio da década seguinte, e daí em diante na disciplina interdisciplinar *Narrativas da Contemporaneidade* até 2011, e na pós-graduação, a proposta inter e transdisciplinar da *Crise de Paradigmas* e o *Saber Plural*, em ambas instâncias acadêmicas, os alunos partilham conteúdos comuns de acordo com suas necessidades.

Com os jovens da graduação e da terceira idade, uma proposta oficial passou a considerar os fundamentos epistemológicos da narrativa aplicada à reportagem. Na verdade, esse era o núcleo de pesquisa já em 1967, quando a então jornalista formada em 1964 (31 de março é a data do diploma) foi chamada à docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como assistente de catedrático, orientava os alunos na disciplina técnica que produzia o *Jornal Escola*. À partida, não a satisfazia o fato de apenas transferir subsídios das técnicas convencionais tanto no que tange à captação de informações quanto à redação e edição jornalísticas. Foi exatamente a motivação da pesquisa e da construção de novos conhecimentos que moveu-a até a Universidade de São Paulo, onde se anunciava a implantação do primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação na América Latina. Quando da mudança para a capital paulista, trazia na bagagem acadêmica o projeto para o mestrado, nomeado *A estrutura da men-*

sagem jornalística (que, na metamorfose da pesquisa, se cumpriu em 1975, com a defesa do primeiro mestrado da Escola de Comunicações e Artes e, por consequência, se tornaria a primeira dissertação da América Latina). Logo a seguir, publicaria a primeira edição de *Notícia, um produto à venda – Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial* (1978).

Não fossem as mazelas da ditadura no golpe militar de 1964, que provocaram a saída da USP em 1975, teria continuado sem interrupção acadêmica a escavação teórica da dialogia e da prática das *narrativas da contemporaneidade*. Afinal, antes da publicação de *Notícia, um produto à venda* (1978), editou na ECA junto com Paulo Roberto Leandro (1948-2015) *A arte de tecer o presente* (1973), um estudo sobre a reportagem jornalística no Brasil, paralelamente à incursão de Tom Wolfe no novo jornalismo norte-americano. Em linhas de pesquisa diferentes do escritor norte-americano, os autores transitavam, na ECA/USP, pela teoria da interpretação, colhendo subsídios em Marx, Nietzsche e Freud. Essa pesquisa inaugural criou parâmetros para mapear tendências nas reportagens dos principais jornais brasileiros: protagonismo (perfis, histórias de vida), contextos sociais, raízes histórico-culturais e diagnósticos-prognósticos das fontes especializadas.

A pesquisadora voltaria a esse título, já no século XXI, para reafirmar a narrativa e o cotidiano da *Arte de tecer o presente* (MEDINA, 2003). Não se tratava, porém, da reedição do livro artesanal de 1973, e sim de uma perspectiva enriquecida pela epistemologia, pela prática do diálogo social e pela inspiração do contato com a arte.

A intensa vivência pragmática na reportagem e na edição do jornal "O Estado de S. Paulo" acentuou a necessidade da dialogia, justamente numa sociedade que se debatia com o autoritarismo explícito. No exercício de atrito diário foi possível reafirmar constantemente que a narrativa da contemporaneidade não provém de brilho formal, de malabarismos literários. Pelo contrário, a origem inspiradora do que se escreve sobre o mundo nasce na oratura captada no mundo vivo. Organizar – editar e narrar – o caos conflitivo das múltiplas vozes (polifonia) e dos múltiplos significados (polissemia) que o repórter (e/ou comunicador social) colhe na rua é um ato subversivo para os porta-vozes monológi-

cos do poder. Nos dez anos (de 1976 a 1986), como redatora, editora e repórter especial, junto à equipe com quem trabalhou no Estadão, sentiu muito de perto os riscos e prazeres da narrativa dramática da cena coletiva que a reportagem ensaiava narrar.

O signo da relação

A volta à USP, em 1986, pela primeira vez em tempo integral na academia, favoreceu o amadurecimento da teoria e prática da linguagem dialógica, tema do doutorado naquele mesmo ano. Da tese extraiu-se a parte teórica, *O Diálogo Possível* (1995), a que a Editora Ática acrescentou a palavra entrevista. Embora não rejeite esse rótulo aposto à dialogia, a autora não considera a técnica da entrevista como o principal suporte do *signo da relação* ou do ato comunicativo. A primeira parte da tese, intitulada *Modo de ser, Mo'dizer*, reúne narrativas de Higienópolis (bairro da capital paulista), em que protagonistas sociais e seus perfis se moviam no presente e nas raízes históricas do primeiro empreendimento imobiliário do País no final do século XIX. A tese foi trabalhada com seus alunos, principalmente na graduação em laboratórios pedagógicos que passou a desenvolver no retorno à USP. A metodologia visava o contato com o mundo vivo e a observação como comportamentos que ampliam sobremaneira o código linguístico das perguntas e respostas da entrevista. O contato e a observação da cena real desafiam a produção simbólica para a compreensão complexa, diga-se, contraditória, conflitiva e exige do repórter a desconstrução de travas ideológicas alimentadas por certezas conceituais. Sem falar nas demais atrofias que os estudos contemporâneos – principalmente oriundos das neurociências – nos apontam. Entre vários autores a consultar, nesse sentido, citam-se quatro: Antônio Damásio, Luís Carlos Restrepo, Henrique Schützer Del Nero e Jill B. Taylor.

Os alunos, estimulados por essas inquietudes, em lugar de reforçarem o aprendizado da gramática jornalística transposta para velhos e novos meios de comunicação, têm dedicado a atenção a questões de fundo da comunicação social. Sinteticamente, algumas palavras-chave: visão complexa, sensibilidade intuitiva e comportamento solidário perante a circunstância humana. Desse laboratório epistemológico e dos valores exercidos na dialogia, gerações de estudan-

tes de graduação produziram 27 livros da série *São Paulo de Perfil*, como resultado semestral ou anual. Aproximadamente 500 autores experimentaram uma prática dialógica, aferida, inclusive, em intercâmbio com leitores da escola pública noturna de segundo grau na zona sul da capital paulista. O projeto de pesquisa de recepção, firmado com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, resultou em vários indicadores positivos para a leitura interativa, mas acima de tudo reafirmou a proposta das *narrativas da contemporaneidade*: os leitores preferem a cena viva do contexto social, a ação dramática dos protagonistas anônimos e suas falas (outra vez, a oratura) que os repórteres colhem da vida cotidiana e transcriam em narradores cúmplices para contar sua aventura, que não são simplesmente transcrições de máquinas, do velho gravador ou de equipamentos atualizados.

Por outro lado, os mesmos leitores descartam os relatos conceituais, as entrevistas que reproduzem exclusivamente o mundo das ideias; passam ao largo também do quantitativismo estatístico, dos gráficos descarnados. Preferem, sim, histórias humanas que se reencenam numa narrativa sensível tal qual a poética apresenta na literatura, no teatro, no cinema, na música, nas artes plásticas. Uma experiência, enfim, que já está relatada em livros de autoria da pesquisadora, mas também aprofundada em dissertações e teses de doutorado que focam a série *São Paulo de Perfil*, como as de Raul Osório Vargas (2003), Alex Sander Alcântara Lopes de Santana (2009) e Katiúscia Lopes Fogaça (2010). É com alegria que se releem hoje textos da série *São Paulo de Perfil*, escritos nos anos 1980 e 1990, e percebe-se a poética da reportagem. Cada um dos títulos da série *São Paulo de Perfil* representa muito bem um acontecimento comunicacional nas comunidades afins ao tema tratado. *A casa imaginária* (1991), por exemplo, sobre habitação, foi lançado em Vila Cachoeirinha, bairro de São Paulo, que tem a memória do primeiro mutirão na cidade. Foi tal a participação dos protagonistas sociais do movimento de habitação, tanto no Brasil, quanto no exterior, que a editora teve que imprimir uma segunda edição da obra. Parte dos exemplares de *A casa imaginária* foi entregue ao prefeito de São Paulo junto com um pedido para investimentos urbanos, e outra parte foi levada para um congresso na Holanda que debatia questões habitacionais da metrópole paulistana.

Os jovens autores criam narrativas da vida cotidiana, tecidas por uma observação sutil da ação social e criam narradores capazes de vocalizar a fala plural dos anônimos. Percebe-se também que não se encontra nenhum artificialismo formal para pospor jogos literários, melhor, a aventura humana, quando capturada e simbolicamente editada, dá luz própria à *narrativa da contemporaneidade*. Vale dizer, a arte de tecer o presente nasce na relação do sujeito-repórter com o sujeito-protagonista social e a produção de símbolos que se consagra na comunicação social leva a marca da autoria coletiva, porque o mediador-autor traz para sua voz a voz dos outros. Muitas vezes, quando se pretende exercer o chamado jornalismo literário, se faz outro movimento: o autor pretensiosamente se vale do outro para a ele aplicar um estilo que exhiba suas virtudes literárias. Ou seja, o outro vira objeto.

Sociedade-ciência-sociedade

As mediações entre grupos científicos especializados e sociedade trazem dilemas tão ou mais espinhosos para a dialogia quanto os conteúdos comuns da comunicação coletiva. Ao se envolver na pós-graduação com o lugar da linguagem dialógica no espaço da universidade, a pesquisadora não tinha ideia quão árdua seria a passagem do signo da divulgação científica para o *signo da relação* na comunicação social. No fim dos anos 1980, essa reflexão tomou corpo com uma iniciativa acadêmica: o "Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar" (1990), na ECA/USP, reuniu dez cientistas das diferentes áreas acadêmicas e a mediação jornalística se tornou indispensável para a aproximação, intercâmbio e registro dos temas que então angustiavam a todos na epistemologia e nas metodologias científicas. O projeto integrado de pesquisa que, logo a seguir, seria credenciado junto ao CNPq como *O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas*, recebeu constantes acréscimos ao longo dos anos 1990. Em circulação nacional (incluindo seminários nas universidades do Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Bahia, Minas, Brasília, Paraná, Santa Catarina, Amazonas), bem como em dois espaços de apoio internacionais, Argentina e Portugal, constituiu a identidade inter e transdisciplinar, ou seja, além da troca de desafios epistemológicos, as diferentes áreas de conhecimento encontraram

problemas comuns, transdisciplinares. A experiência enriqueceu a oficina pedagógica da metade da última década do século passado aos dias de hoje, sob o título de *Saber Plural e a Crise de Paradigmas*. O convívio dos saberes científicos, cotidianos ou locais e das expressões artísticas está documentado na série *Novo Pacto da Ciência*, onze edições que reúnem seminários, artigos científicos, diálogos interdisciplinares e reportagens-ensaio.

A partir de 1999, outro laboratório de experimentação ganhou expressivo significado para o *signo da relação*. Ao assumir a direção de Comunicação Social da USP (1999-2006), propôs com esse mesmo título, uma política abrangente para as mídias universitárias. Em sete anos de prática cotidiana, a pesquisa originada no núcleo de Epistemologia de Jornalismo da ECA deu uma nova dimensão à linguagem dialógica e à metodologia no campo das mediações entre ciência e sociedade. Agência de Notícias, Jornal da USP, Revista USP, Rádio USP, acrescidas dos meios então implantadas como TV USP, Portal da USP e Revista *Espaço Aberto* integraram um complexo laboratorial que passou a experimentar a mudança do signo da divulgação científica para o *signo da relação*, diga-se, efetiva comunicação social. Realizadas oficinas anuais nos *campi* do Interior da USP junto às assessorias de imprensa das unidades ou das direções, encontros nacionais e um seminário internacional na Universidade de Coimbra, em Portugal, foi possível promover dois encontros que sintetizavam reflexões de fontes de informação científica e comunicadores no espaço da Estação Ciência da USP, com o lançamento do nº 8 do *Novo Pacto da Ciência*, em abril de 2005. Esse volume fixa a teoria e a prática do *signo da relação*, ou a comunicação dialógica ciência-sociedade, sociedade-ciência. O exercício cotidiano levado a efeito durante sete anos integrou as equipes de profissionais nesse esforço para reverter mentalidade e comportamentos das narrativas da informação científica. O principal nó de reversão: a inércia da divulgação concentra na vontade dos pesquisadores o ato de liberar ou não, os conteúdos especializados e só então recorrer a “divulgadores” para chegar à sociedade.

Nessa concepção, a da divulgação da ciência, os comunicadores no máximo atuam como tradutores linguísticos de um relato mais acessível. Até aí as fontes de informação vão, até admitem que o jornalismo é portador de uma sin-

taxe comunicativa. Mas estão longe de compreender o *Signo da Relação* (MEDI-NA, 2006). Parece simples alteração semântica, mas na prática envolve a mudança de mentalidades, visão de mundo e comportamentos. A descentralização da fonte científica para a dialogia social, considerando o mediador (jornalista) como autor de uma narrativa articuladora de significados que tanto podem ser dirigidos da ciência para a sociedade como, na inversão dialógica, das demandas sociais para a ciência, se constitui num laboratório de criação, sem garantia de êxito.

A estática da divulgação científica impede a mudança do papel de mensageiro qualificado, atribuído ao repórter, para traduzir os conteúdos liberados pelo cientista para a sociedade. Não é fácil a chamada fonte de informações especializadas aceitar a dignidade e a qualificação graduada, e muitas vezes pós-graduada, de um comunicador-autor de uma narrativa dialógica ciência-sociedade, sociedade-ciência. Os sete anos em que a pesquisadora coordenou as mídias da USP ofereceram, além dessa luta diária, reflexões publicadas na obra *Ciência e Sociedade: mediações jornalísticas*, volume 8 da série *Novo Pacto da Ciência* (2005).

Autor da voz coletiva

No movimento necessário de retorno às balizas disciplinares, após a dialogia inter e transdisciplinar, as *narrativas da contemporaneidade* produzidas pelo comunicador ganham outra autoria, independente dos suportes tecnológicos. Na partilha de incertezas da racionalidade complexa com outras epistemologias, o técnico de divulgação desmonta conceitos dogmáticos para buscar noções de conhecimento plásticas. Tal dinâmica mental se abre à sensibilização viva do contato com o mundo (o lugar do repórter), e com a arte que o mobiliza para a ação original de autor. Como agente cultural deixa a rotina conservadora dos significados e escreve, em amplo sentido, uma narrativa que se identifica com a oratura.

Como se aplica essa proposta ao projeto pedagógico? Com a consciência dos riscos inerentes à ruptura das gramáticas estabelecidas no tecnicismo e introduzindo experiências laboratoriais. Estas, para além dos tradicionais exercí-

cios nas mídias escolares, são laboratórios epistemológicos e artísticos que oxigenam a claustrofobia da sala de aula ou dos ambientes técnicos. A mutação de adestramento para inovação autoral é muito rápida, porque o educando se resente da atrofia dos cinco sentidos, que o colombiano Luís Carlos Restrepo (1998) nomeia como "analfabetismo afetivo". Como chegar ao Outro – aquele com quem o autor dialogou – e Outros que vão ler sua narrativa, sem a rede sensível e complexa da cumplicidade? Essa mediação autoral orquestra a voz coletiva (MEDINA, 2014).

Na formação ou contínuo aprendizado dos autores de *narrativas da contemporaneidade*, pesquisam-se então, nos laboratórios, técnicas competentes, ética solidária e estéticas autorais. Do dia a dia de sucessivas gerações vêm se maapeando novos desafios, discutidos com outros pesquisadores, em geral externos às ciências da comunicação. Algumas interrogantes que despontam no horizonte contemporâneo: estaríamos vivendo, na era digital, um movimento contrário ao desprendimento do ego, quando a egocentralização se manifesta no objeto-eu dos autorretratos? O esvaziamento da condição histórica do repórter, assim como a do educador não causaria danos ao autor-mediador investido de significativo papel de mediar e criar condições para a interação social criadora? A diluição espacial e a fragmentação e/ou estilhaçamento dos símbolos não desnorteia as identidades e desmorona as raízes culturais que proporcionam a cumplicidade humana? As dogmáticas que se põem em curso nas tecnologias contemporâneas não atrofiam a curiosidade, o conflito dos saberes e das verdades nas descobertas interativas do *signo da relação*? A atrofia das virtualidades sensível e motora não impede o exercício iluminista da racionalidade complexa e conduz, pelo contrário, à racionalidade esquemática?

Há quem julgue que as narrativas devam ser estudadas pela forma literária. No entanto, somente mudanças de ferramentas mentais na percepção e observação do mundo vivo, comportamentos interativos do "eu-tu" (BUBER, 1982), acúmulo e intercâmbio dos saberes disciplinares e fruição da arte podem inspirar uma estética autoral, o criador de uma assinatura que respira e transpira a coletividade. E diante da riqueza disponível na oratura, o escritor desse texto cria um ou múltiplos narradores. Na cena dramática que a narrativa da contem-

poraneidade, ou se preferirem a reportagem, edita os conflitos do caos real e sustenta o cosmo simbólico. A assinatura coletiva se torna polifônica e polissêmica, descentralizada, democrática. O rigor das referências (dados objetivos, informações colhidas, interpretações especializadas) forma um fundo conceitual, um cenário de ideias que não pode esmagar a saga dos heróis, anti-heróis do protagonismo social em processo. Esta é a arte que aponta para a realização das sínteses densas e tensas da aventura humana, com todos os tropeços da dúvida intelectual e da incompletude prática do cotidiano. Diante desse brilho narrativo, a triste e vil pirâmide invertida do jornalismo fica envergonhada.

É nesse momento de reflexão que valoriza-se a epifania do mistério e da incerteza. Como transpor esse movediço terreno do "imaginário coletivo" (BARROS, 2001) para a narrativa? Nenhuma garantia técnica, nenhuma tecnologia, nenhuma intenção política ou literária resguarda a busca eticamente solidária do criador das *narrativas da contemporaneidade*. Mas estudar com engenho e arte esse processo na oficina pedagógica de cinco décadas tem sido altamente compensador.

REFERÊNCIAS

Obras da autora

MEDINA, Cremilda. LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: ECA/USP, 1973.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

_____. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1982.

_____. **Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Nórdica, 1983.

_____. **A posse da terra**: escritor brasileiro hoje. São Paulo: Secretaria de Cultura. Brasília: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, série Escritores dos Países de Língua Portuguesa, v.4, 1985.

_____. (org.). **O jornalismo na nova República**. São Paulo: Summus, série Novas buscas em comunicação, v. 23, 1987.

_____. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

_____. (org.). **Primeiro Seminário Transdisciplinar A Crise de Paradigmas**. Anais. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v.1, 1991.

_____. GRECO, Milton. (orgs.). **Do hemisfério Sol**. O discurso fragmentalista da ciência. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 2, 1993.

_____. (orgs.). **Saber Plural**. O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 3, 1994.

_____. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ed. Ática, série Princípios, 3ª. ed., 1995.

_____. **Povo e Personagem**. Canoas: Ed. ULBRA, série Mundo Mídia, v. 4, 1996.

_____. GRECO, Milton. (orgs.). **Agonia do Leviatã: a crise do Estado moderno**. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 5, 1996.

_____. **Narrativas a céu aberto: modos de ver e viver Brasília**. Brasília: Ed. UnB, 1998.

_____. **Símbolos e narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998.

_____. GRECO, Milton. (orgs.). **Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória**. São Paulo: ECA/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 7, 1999.

_____. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. (org.). **Ciência e Sociedade: mediações jornalísticas**. São Paulo: Estação Ciência, CCS/USP, série Novo Pacto da Ciência, v. 8, 2005.

_____. **O Signo da Relação**. Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. (org.). **Povo e personagem**. Sociedade, cultura e mito no romance latino-americano. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

_____. **Casas da Viagem**. De bem com a vida ou afetos do mundo. São Paulo: Ed. Autor, 2012.

_____. Créateur de signature collective ou artisan du dialogue social. In: LE CAM, Florence; RUELLAN, Denis (orgs.). **Changements et permanences du journalisme**. Paris: L' Harmattan, Communication et civilisation, 2014.

_____. **Atravessagem**. Reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **Ato presencial**. Mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. **A arte de tecer afetos**. Signo da Relação 2. Cotidianos. São Paulo: Casa da Serra, 2018.

Obras de autores citados no texto

ARAÚJO, Alexandre Herculano Carvalho. **Eurico, o presbítero** (extracto). Portugal, 1844. Disponível on-line na Biblioteca da Universidade do Minho: <https://bit.ly/2U5A3jC>
Acesso em 18 dez. 2018.

BARROS, Ana Tais Portanova. **Jornalismo. Magia. Cotidiano**. Canoas: Editora da Ulbra, 2001.

BUBER, Martin. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes**. Emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A estranha ordem das coisas**. A vida, os sentimentos e as culturas humanas. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DEL NERO, Henrique Schützer. **O Sítio da Mente**. Pensamento, emoção e vontade no cérebro humano. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FOGAÇA, Kátiuscia Lopes. **A leitura sob o signo da relação**. Tese de doutorado sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo, 2010.

LE GOFF, Jacques. História (verbetes). In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.

MELO NETO, João Cabral. **Quaderna**. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.

_____. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1966.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. RJ: Nova Fronteira, 1984.

RAMOS, Ricardo. **Os caminhantes de Santa Luzia**. Porto Alegre, RS: Ed. Mercado Aberto, 1959.

_____. **Os Desertos**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1961.

_____. **Memória de setembro**. São Paulo: Ed. José Olympio, 1968.

RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito à Ternura**. Petrópolis: RJ, Vozes, 1998.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

_____. **O homem nu**. Rio de Janeiro: Ed. Autor, 1960.

_____. **A mulher do vizinho**. Rio de Janeiro: Ed. Autor, 1962.

SANTANA, Alex Sander A. L. **Sentidos da metrópole**: série São Paulo de Perfil na mediação do espaço urbano. Dissertação de mestrado sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução à Uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

TAYLOR, Jill Bolte. **A cientista que curou seu próprio cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

VARGAS, Raul Osorio. **A função da fala na pesquisa da reportagem literária: o homem das areias, um flagrante do diálogo oralidade-escrita**. Tese de doutorado sob a orientação de Cremilda Medina, defendida na Universidade de São Paulo, 2003.

Sugestões de leitura

ALTHUSSER, Louis. **Filosofia e Filosofias dos Cientistas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**. São Paulo: Francisco Alves, 1986.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre el espírito positivo**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística**. São Paulo: Summus, 1989.

FERIN, Isabel. **Comunicação e Cultura do Cotidiano**. Portugal: Quimera, 2002.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. São Paulo: Francisco Alves, 1989.

GOULD, Stephen Jay. **Seta do Tempo, Ciclo do Tempo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

GRECO, Milton. **A Aventura Humana entre o Real e o Imaginário**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 1991.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa I e II**. Madri: Taurus, 1989.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. RJ: Paz e Terra, 1992.

INNERARITY, Daniel. **A Transformação da Política**. Lisboa: Teorema, 2005.

_____. **Política para perplejos**. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2018.

_____. **Comprender la democracia**. Barcelona: Gedisa, 2018.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

- LLOSA, Mario Vargas. **El Hablador**. Lima, Peru: Alfaguara, 2008.
- MCLUHAN, Marshall. **MacLuhan por MacLuhan**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **No fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Rio de Janeiro: Agir-PocketOuro, 2008.
- MARINO JR., Raul. **O Cérebro Japonês**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1989.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Processos de Comunicação Y Matrices de Cultura**. Itinerario para salir de la Razón Dualista. México: Felafacs, 1987.
- MERTON, Robert K. **Sociologia, Teoria e Estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MORIN, Edgar. **La Méthode**. La Natura de la nature. Paris: Seuil, vol.1, 1977.
- _____. **La Méthode**. La Vie de la Vie. Paris: Seuil, vol.2, 1980.
- _____. **La Méthode**. La Connaissance de la Connaissance. Paris: Seuil, vol.3, 1986.
- _____. **Para Sair do Século XX**. RJ: Nova Fronteira, 1986.
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Publicações Instituto Piaget, 1991.
- _____. **Sociologia**. A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário. Portugal: Publicações Europa – América, 1998.
- _____. **O Método IV**. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- PRIGOGINE, Ilya. **El nacimiento del tiempo**. Barcelona: Tusquets, 1991.
- _____. **O fim das certezas**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SANTOS, Maria Antônia. **A Estratégia Inteligente**. Lisboa: Monitor, 1992.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. SP: Hucitec, 1996.

SANVITO, W. **O Cérebro e suas Vertentes**. São Paulo: Panamed, 1982.

SCHNITMAN, Dora Fried. **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SILVA, Augusto Santos; PINTO, José M. **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 1986.

WEBER, Renée. **Diálogos com Cientistas e Sábios, a Busca da Unidade**. São Paulo: Cultrix, 1986.

ZUFFO, João Antônio. **A Infoera, o imenso desafio do futuro**. São Paulo: Saber, 1997.